

o papel da abruc

Gilberto Garcia acumula, desde agosto de 2007, as funções de Reitor da Universidade de São Francisco e presidente da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias, a ABRUC. Criada em 1995, a associação reúne instituições de ensino superior ligadas a ações educacionais de caráter social e sem fins lucrativos. A ABRUC exerce um importante papel na divulgação e articulação dos programas universitários de extensão por todo o país. Nessa entrevista, Gilberto Garcia detalha as ações exercidas pela associação bem como sua função no âmbito da Educação Superior brasileira.

REVISTA DIALOGOS: QUAL É O CENÁRIO ATUAL DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NO BRASIL?

GILBERTO GARCIA: Eu defendo sempre a tese de que o cenário da educação é, hoje, um aprimoramento da história da educação superior no Brasil. Nós estamos passando por uma transformação muito grande: expansão da oferta, abertura de capital na bolsa de valores por algumas instituições, financiamento externo nas particulares, além da tentativa de expansão através do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI). São movimentos simultâneos e respostas/reações a essa situação atual. Então, de um lado, temos a iniciativa federal expandindo a sua malha, a sua rede, a quantidade de vagas, até mudando a concepção dos cursos noturnos, e também promovendo iniciativas como Educação à Distância (EAD) e Universidade Aberta do Brasil (projeto do Ministério da Educação que visa levar Ensino Superior público a municípios onde ainda não existem instituições do gênero suficientes). Por outro lado, as particulares movimentam o mercado, abrindo capital, expandindo, englobando, fazendo conglomerados de instituição. A malha do ensino superior brasileiro é uma coisa muito complexa atualmente. Mas a qualidade do ensino vai ser o validador do diálogo entre essas associações e o MEC.

RD: QUAL É O LUGAR E O PAPEL DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR (IES) COMUNITÁRIAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA?

GG: Nossas instituições que compõem a ABRUC, hoje, são instituições que, ao lado de algumas do Estado, são as mais antigas do país, com mantenedoras e em funcionamento. Elas supriram, inicialmente, a defasagem do Estado e proveram condições de educação superior para um número maior de pessoas. Mas, recentemente, houve um movimento das estaduais e municipais e, ultimamente, das

Foto: ABRUC



REITOR GILBERTO GARCIA
PRESIDENTE DA ABRUC

particulares, por meio de investimentos e anúncios. Nesse cenário entra o nosso papel, a nossa reflexão. No meu modo de ver, é a hora de uma maior articulação das comunitárias. Então, o que é que nós estamos fazendo? Nós não estamos dando as costas para as associações que já estão organizadas no mercado, nós estamos mantendo um diálogo. Eu tenho participado de reuniões, a convite dessas instituições, para mostrar a cara do nosso pensamento, pedir o apoio deles no que diz respeito às causas comuns, por exemplo, as causas da filantropia e, em troca, nós vamos apoiar uma causa que também é comum, a questão do Programa Universidade para Todos (PROUNI). Baseado nesse princípio é que entra o papel das comunitárias; elas não podem ficar isoladas entre o expansionismo de mercado, do capital aberto e o expansionismo da rede federal,



principalmente com o REUNI. Hoje, a ABRUC tem um papel histórico: é a única associação que tem cara de fórum permanente de uma frente de comunitárias. ■

RD: UMA VEZ QUE A ABRUC, COMO ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA, ESTÁ MUITO RELACIONADA À EXTENSÃO, QUAL É, NA SUA OPINIÃO, O PAPEL DA EXTENSÃO NA SUA INDISSOCIABILIDADE COM O ENSINO E A PESQUISA? ELA FUNCIONA COMO PRODUTORA DE CONHECIMENTO?

GG: É uma coisa curiosa. Se observarmos a história das nossas instituições, perceberemos que elas nasceram com duas grandes bandeiras. Uma diz respeito estritamente ao ensino, com as licenciaturas. Todas nasceram para educar, formar professores, etc. A banda mais recente são as regionais, que, por natureza da sua fundação, integram não só membros da comunidade nos seus conselhos como têm que colaborar para a integração regional, apoiando projetos, tanto de ensino como de pesquisa que solucionem ou vão ao encontro de problemas regionais. A extensão brota de uma provocação regional. Agora, ao mesmo tempo, você pode fazer a leitura contrária: o ensino e a pesquisa são influenciados pela dimensão, pelo contexto regional onde elas estão inseridas. Essa simbiose de dupla mão é interessante de se perceber nas nossas instituições. Que fique bem claro que extensão não pode ser visto como algo que sobrou, ou algo a mais que uma instituição possa fazer. Eu não gosto da palavra indissociabilidade porque dá a impressão de que dissociou para depois reunir, quando uma academia devia já pensar essa associabilidade por raiz. Quando a gente afirma o negativo é sinal de que precisa "colar": indissociabilidade. Devia ser do nascimento prévio como academia do ensino, pesquisa e extensão. A ABRUC não tem um pensamento formado sobre extensão como um todo. Nós nunca tivemos um fórum de reitores que formatasse uma opinião política da ABRUC com relação à extensão. O que nós temos feito nessa gestão é uma reunião ampliada da direção da ABRUC com esses fóruns, no caso, o fórum de extensão. Em termos políticos, estamos de acordo com o pensamento do Fórum Nacional de Extensão e Ação Comunitária das Universidades e Instituições de Ensino Superior Comunitárias (ForExt), porque não tem havido choques ou embates relevantes que façam com que as duas instituições pensem diferente. ■

RD: SEGUNDO O PROF. EVANDRO RIBEIRO (VICE-PRESIDENTE DO FOREXT), A MAIORIA DOS PROJETOS EXTENSIONAIS REFEREM-SE À ÁREA DE EDUCAÇÃO. O SENHOR CONSIDERA QUE ESSA É UMA ÁREA MAIS ATRATIVA E DE MAIOR SUCESSO?

GG: Eu diria que já foi. Mas os projetos extensionais na área de educação não são mais o carro-chefe. Isso acontecia na época que a alfabetização e a formação de professores estavam em alta. Mas hoje, com a expansão tanto da área federal como da particular nesse segmento, as comunitárias saltaram para expansão em várias outras dimen-

sões, na área de projetos sociais, sobretudo. Eu acho que nós migramos para a área de parcerias públicas e privadas, até mesmo locais. A questão da assistência social extensional é a área mais ampla hoje no bojo das nossas instituições, colocando pesquisa e ensino em função de soluções sociais regionais. A ABRUC em si não tem projetos sociais. Ela é articuladora dos projetos sociais, juntamente com o ForExt e com as instituições que nos procuram para formar parcerias, como por exemplo, o governo federal, a Pastoral da Criança, ONGs e instituições de consciência racial e sexual. Nós consideramos isso uma mediação de extensionalidade. A ABRUC, propriamente, não desenvolve projetos extensionais porque ela não foi feita para isso. Mas, ao mesmo tempo, ela reúne um pensamento extensional através do que nós chamamos ForExt, que é o único fórum exclusivamente de comunitárias que existe no Brasil. O ForExt nasce dessa dimensão própria. Então é o ForExt que discute essas questões de políticas extensionais. ■

(Veja box à página 89 sobre o papel dessa entidade)

RD: COMO TRABALHAR COM A DIVULGAÇÃO NACIONAL DOS PROJETOS EXTENSIONAIS?

GG: Nós temos a nossa Revista Comunitárias, que eu considero um grande veículo. Ela é praticamente uma revista de extensão, de divulgação nacional, que trabalha a temática da extensão. A grande maioria dos artigos da revista vêm com fotos e contempla essa dimensão que eu acho que dá a cara do perfil das associadas. Nós estamos pensando em mecanismos e meios de reforçar essa identidade perante uma afirmação nacional. A afirmação nacional da identidade comunitária ainda não está bem costurada entre nós, porque cada um vê a identidade comunitária de um jeito. Mas já temos um ponto comum, que é a ABRUC. A Revista Comunitárias é uma vitrine, mas o que nos falta é ação política, e nós precisamos disso para fazer crescer o papel e o reconhecimento da atuação das nossas instituições. ■

